



XII Salão de  
Iniciação Científica  
PUCRS

## Cartografando as Ações Educativas do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo

Helena dos Santos Moschoutis<sup>1</sup>, Eduarda Gonçalves<sup>2</sup> (orientadora)

<sup>1</sup>Autora do resumo, acadêmica do curso de Artes Visuais Modalidade Licenciatura do Centro de Artes/UFPel, Bolsista do Programa de Educação Tutorial e pesquisadora de Iniciação Científica do Projeto de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas. [helena.smos@gmail.com](mailto:helena.smos@gmail.com).

<sup>2</sup>Orientadora da pesquisa e revisora do resumo, artista plástica, doutora em poéticas visuais pelo PPGAVI/IA/UFRGS, professora dos Cursos de Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas - UFPEL. Coordenadora do Projeto de Pesquisa Deslocamentos, Observâncias e Cartografias Contemporâneas. Membro dos Grupos de Pesquisa “Percursos poéticos: procedimentos e grafias na contemporaneidade” (CNPq/UFPel) e “Veículos da Arte” (CNPq/UFRGS). [dudagon@terra.com.br](mailto:dudagon@terra.com.br).

### **Introdução**

A pesquisa intitulada “Cartografia das ações educativas realizadas no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo – MALG, nos últimos 10 anos” está sendo desenvolvida junto ao projeto de pesquisa “Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas”, coordenado pela Professora Eduarda Gonçalves. A investigação tem como objetivo realizar uma cartografia das mediações de exposições do museu, atentando aos referenciais teóricos dos envolvidos. O método cartográfico pressupõe que o pesquisador ao processar as ações traçadas nos objetivos da pesquisa seja processado pelas constatações, uma vez que: “A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS, BARROS, 2009, p.17).

### **Metodologia**

A realização desta pesquisa começou a ser traçada porque me envolvi com a mediação de exposições do Museu durante o ano de 2010 junto ao Projeto de Extensão Ações Educativas em Arte: Mediação, na condição de coordenadora discente e mediadora. Foi a partir destas experiências e em decorrência do término do Projeto de extensão, que me interessei pela investigação acerca de projetos desenvolvidos pelo Museu para fomentar o diálogo entre a produção exposta e o público. A cada mediação que coordenei fui percebendo

o quanto o Museu de Arte pode tornar-se um espaço de cognição para os mais diversos públicos, promovendo a experiência da arte.

Para tanto, é necessário que a experiência em um espaço de arte não seja traumática e para isso precisamos estreitar o máximo possível as relações com o grupo que irá fazer a visita à exposição, bem como os responsáveis, se houver. Conhecer o máximo possível das questões específicas de cada produção exposta e o repertório dos grupos mediados.

Quando desenvolvemos os projetos de mediação no Museu tecemos estratégias para receber o público e promover interações com as obras. Primeiramente, no acolhimento, damos as boas vindas ao grupo, identificar-se, apresentar o espaço e perguntar ao grupo se já foram a alguma exposição, quais são suas expectativas e salientar alguns cuidados que devemos ter no espaço de arte. É fundamental, neste processo, que o grupo não se sinta oprimido e que possamos dialogar a partir do repertório de cada um. As regras existem, mas não podem reprimir as experiências sensíveis individuais e coletivas dos visitantes. Durante a mediação, é muito importante que o grupo seja incentivado a falar sobre o que estão vendo, suas primeiras percepções e conexões individuais com algo que remeta ao seu contexto e suas vivências. É a partir das experiências individuais que multiplicamos as experiências sensíveis e cognitivas compartilhadas pelas obras. É importante que o mediador ou mediadora revelem aos poucos os saberes artísticos que impregnam a produção, deixando que estes sejam envolvidos pelas dúvidas e colocações dos mediados, Burnham e Kai Kee nos relatam:

Como a instrutora usa o conhecimento adquirido através da pesquisa da história da arte? Ela o utiliza para sugerir possibilidades, não para estabelecer interpretações conclusivas que irá impor aos seus alunos. Ela sugere as relações entre um trabalho e as circunstâncias de sua criação e recepção, fornecendo assim aos visitantes informações que indicam como e por que uma obra surgiu, como foi feita e como foi recebida em seu contexto artístico e social original, além de mostrar o que a obra de arte significou para o seu público ao longo do tempo. (HELGUERA, 2011, p. 15)

Tendo em vista, que o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo é um espaço que fomenta a fruição artística a diferentes públicos é que senti a necessidade de compreender como o Museu tem pensado e desenvolvido as Ações Educativas nos últimos anos, uma vez que o projeto de extensão que me instigou acerca das questões da pesquisa não era vinculado ao Museu.

Assim, colocando em prática a investigação, ou seja, em conversa com a Chefe do Museu, Raquel Schwonke, fui encaminhada aos curadores da Exposição “Conhecer para Olhar com gosto”, Francisca Michelin e José de Pellegrin, que haviam programado um projeto pedagógico junto ao projeto museográfico.

## **Resultados (ou Resultados e Discussão)**

Ao entrevistar os curadores percebi que algumas questões deveriam ser desenvolvidas e que não haviam sido enaltecidas nos objetivos da pesquisa. Isso porque, minha pesquisa, que antes tinha a principal meta de cartografar as Ações Educativas do Museu durante os últimos dez anos, nesse momento se encontra com um o foco um pouco diferente, pois ao entrevistar os curadores surgiram idéias diferentes acerca do que venha a ser uma ação educativa no Museu. A partir daí, tenho dedicado aos conceitos de mediação que cada curador evidenciou em seus depoimentos.

Esses movimentos inusitados em minha pesquisa são bem vindos e estão sendo incorporados. Conforme Suely Rolnik, o ato de cartografar:

O que ele quer é participar, embarcar na constituição de territórios existenciais, constituição de realidade. Implicitamente, é óbvio que, pelo menos em seus momentos mais felizes, ele não teme o movimento. Deixa seu corpo vibrar todas as frequências possíveis e fica inventando posições a partir das quais essas vibrações encontrem sons, canais de passagem, carona para a *existencialização*. Ele aceita a vida e se entrega. De corpo e língua. (ROLNIK, 1989, p.2)

## **Conclusão**

Atualmente, a investigação tem como foco discorrer sobre maneira como os dois curadores da exposição “Conhecer para Olhar com gosto” pensam as Ações Educativas no Museu, uma vez que o Museu não tem um projeto pedagógico e dependem das ações de proponentes de exposições. Assim como, por meio deste estudo poderei verificar como o Museu tem pautado as ações pedagógicas.

## **Referências**

- HELGUERA, Pablo (org.). **Mediação – traçando território**. Porto Alegre: Fundação Bial do Mercosul, 2011
- MARTINS, Mirian Celeste (org). **Mediações: provocações estéticas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação, 2005.
- MENDONÇA, Vera Rodrigues de. **Arte e Mediação: Percepção requer envolvimento**. In: Revista Concinnitas, Rio de Janeiro: UERJ, 2010.
- PASSOS, Eduardo, BARROS, Regina. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ROCHA, Maria Consuelo Sinotti. **Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo: Contribuição e integração com o ensino de Arte através de seu Setor Educacional**. Pelotas: Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Patrimônio Cultural – UFPel, 2010.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.